

30-01-2023

A FOME E A IGNORÂNCIA DOS QUE IGNORAM QUE EXISTA FOME

Isis Ferraz de Moura

[Portelense. Discente do PPGSS/UERJ.
Mestre em Educação Profissional em Saúde]

Minha inspiração para este mês veio a partir de duas pessoas que conheço pouco: Josué de Castro e Maria Carolina de Jesus. Esta última até tentei conhecer mais, a partir de uma exposição que estava em cartaz aqui em Madureira, mas as duas vezes que tentei ir estava fechada. Perdoem minha ignorância, mas apesar também de já ter feito reuniões em uma escola que leva o nome Josué de Castro, na época que eu trabalhava na Maré, pouco sei sobre ele também.

A fartura alimentar das festas de dezembro sempre me faz refletir. Apesar de hoje a minha realidade não ser a mesma da época da minha infância, na minha mesa já faltou comida. Meu pai desempregado com família de esposa e quatro filhos contou com a solidariedade de vizinhos. Minha mãe chegou a ir catar xepa no CEASA [Central de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro], em Irajá, com a gente.

Na época, os alimentos que não eram próprios para comercialização eram jogados em grandes caçambas de lixo. As crianças entravam nessas caçambas para pegar os melhores alimentos – eram mais ágeis...

Na época, eu achava divertido e foi essa nossa realidade durante algum tempo. Voltando às festas de dezembro, eu vivo uma contradição de ver a felicidade da minha mãe e a mesa farta com o fantasma do medo de faltar que sempre aparece como tema nas minhas sessões de terapia. Privação alimentar é uma coisa que te marca profundamente. É parte de uma história de vida que eu não desejo nem para aqueles que acham que a fome não existe.

A fome está mais presente ao nosso redor do que a gente imagina. A fome bate à nossa porta e ignoramos diariamente: da pessoa que pede um prato de comida ao político que defende que não existe fome no Brasil. Paro em meio às festas de fim de ano e vou, enfim, conhecer um pouco de Maria Carolina de Jesus e de Josué de Castro – brasileiros que através da escrita contaram um pouco da história da desigualdade social, da exploração, da colonização que mantém por séculos a realidade de pessoas desnutridas ou que, mesmo, não têm o que comer. Uma verdadeira catástrofe social como constatou Josué.

Terminei pensando, como meta para 2023, em aprofundar a leitura desses dois autores. Lembro também que esta é uma discussão importante e que bate à porta de quem trabalha com saúde dos trabalhadores. Lembro de um caso que atendi durante um grupo sobre promoção da saúde que coordenava junto com outros profissionais.

O trabalhador não se sentiu bem e a enfermagem ao socorrê-lo ouviu, mais ou menos, o seguinte relato

“– eu não me alimento desde ontem. Hoje é meu primeiro dia de trabalho e já foi difícil conseguir a passagem para vir trabalhar. Era isso ou comer.

Eu escolhi vir trabalhar.”

Em meio à esperança da troca de governo, trago aqui a notícia do retorno do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), que tem como propósito garantir a Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada ([Brasil de Fato](#), 03/01/2023).

Que tenhamos força para lutar contra essa e outras situações urgentes! Lembre que não é sua realidade, mas é a realidade de muitos. A fome está mais perto do que você imagina. Ela se faz urgente, muitas vezes em um prato de comida que é necessário, mas não ignoremos as condições estruturais que perpetuam essa realidade. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.